

Palavras de conforto e lealdade

Os autores dos quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, nos apresentam o registro das palavras que Jesus proferiu enquanto estava na cruz — sete declarações no total. A terceira é talvez a cena mais comovente e terna de todas as cenas do Calvário que temos. É a cena em que Jesus olha para sua mãe e diz: "Mulher, eis aí o teu Filho", e depois para João, o discípulo amado: "Eis aí a tua mãe". Esta é uma cena bela e tocante de consolo e lealdade.

"Quando os soldados crucificaram Jesus, tomaram as suas roupas e as dividiram em quatro partes, uma para cada um deles, ficando com a túnica. Esta túnica era sem costura, tecida numa só peça, de cima a baixo. 'Não a rasguemos', disseram uns aos outros. 'Vamos decidir por sorteio quem ficará com ela'. Isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura que diz: 'Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica'. E assim fizeram os soldados. Perto da cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe ali, e o discípulo a quem amava, que estava perto, disse à sua mãe: 'Mulher, eis aí o teu filho!' e ao discípulo: 'Eis aí a tua mãe!'. Daquela hora em diante o discípulo a acolheu em sua casa." (João 19:23-25)

27)

Havia quatro soldados que crucificaram Jesus e dividiram suas vestes em quatro partes diferentes. Mas, para nos ajudar a entender o padrão do que está acontecendo, vamos voltar um pouco na história e observar alguns dos costumes judaicos de vestimenta, bem como alguns dos costumes romanos que envolviam a crucificação.

Um homem judeu normalmente usava cinco peças de roupa. Em primeiro lugar, um adorno para a cabeça, talvez um turbante ou algum tipo de tecido. Você já deve ter visto na televisão imagens de adornos de cabeça usados por pessoas no Extremo Oriente e no Oriente Médio para manter o cabelo longe do rosto. Era um adorno tradicional usado há séculos.

Mas o homem judeu usaria algum tipo de calçado, geralmente uma sandália de couro. Uma terceira peça de roupa seria uma túnica longa, geralmente com uma fenda na parte superior, às vezes completamente aberta ou com fendas nas laterais. A peça chegava até os tornozelos e era folgada.

A quarta peça de roupa era o seu cinto, ou faixa, como hoje o chamamos. Era feito de outro pedaço de tecido, ou às vezes de couro, usado para amarrar na cintura. Isso impedia que a longa e esvoaçante vestíbulo voasse com o vento, permitindo, ao mesmo tempo, que ficasse folgada. Por fim, o homem judeu usava uma roupa íntima. No caso de Jesus, era sem costura, feita de um único pedaço de tecido trançado de cima a baixo.

Tradicionalmente, essa roupa íntima era feita por uma mãe e dada ao filho quando ele atingia a maturidade, quando chegava à idade adulta. Muito provavelmente, foi exatamente isso que Maria fez por Jesus. Lembre-se disso, pois será importante daqui a pouco.

Os romanos também tinham alguns costumes relacionados à crucificação. Cinco soldados romanos eram sempre designados para essa tarefa. Quatro deles tinham a responsabilidade de cravar os pregos e posicionar a cruz corretamente. Mas, depois que a cruz estava erguida, eles formavam uma espécie de posto de guarda em forma de quadrilátero. Se houvesse alguma ameaça, eram eles que estavam lá para proteger a vítima enquanto ela estava na cruz, aguardando uma morte dolorosa.

O soldado responsável pelos outros quatro era o centurião. Ele supervisionava a crucificação. Um dos benefícios que os quatro soldados recebiam era o direito de dividir as roupas que a vítima estivesse vestindo naquele dia. Era isso que faziam com as roupas de Jesus enquanto Ele estava pendurado nu e humilhado. Eles estavam apostando em suas roupas.

O problema era que Jesus provavelmente tinha cinco peças de roupa, mas apenas quatro soldados. O centurião aparentemente não se envolveu nessa questão. Portanto, um ficou com o turbante, outro com as sandálias, outro com a túnica e outro com o cinto. Mas quem ficaria com a quinta peça, a roupa de baixo? Como decidiram? João nos conta que, para decidir qual dos quatro ficaria com a roupa de baixo, eles lançaram sortes ou jogaram dados para ver quem realmente ficaria com a roupa de baixo. Sem dúvida, eles não sabiam, mas João nos diz que estavam, na verdade, cumprindo uma profecia de Davi registrada no Salmo 22:18.

Então, com esse contexto em mente, conhecendo os costumes de como os homens judeus se vestiam e sabendo algo sobre os costumes dos soldados romanos ao crucificarem suas vítimas, vamos voltar agora à cena e ver se faz um pouco mais de sentido.

Além dos soldados que o crucificaram e da multidão zombeteira que o insultava, outras pessoas também estavam presentes na crucificação. Pelo menos um dos discípulos que o havia abandonado retornou. João estava com Maria e pelo menos outras três mulheres. Deve ter sido algo bastante perigoso para aquelas quatro mulheres estarem ali perto da cruz com Jesus. Afinal, para um homem ser considerado um criminoso a ponto de o governo romano julgá-lo digno de ser crucificado, ele se torna o tipo de pessoa com quem você provavelmente não gostaria de estar perto por medo de que algo lhe acontecesse. Afinal, não foi por isso que todos os outros discípulos fugiram? Mesmo depois da ressurreição e ascensão de Jesus ao céu, os apóstolos se reuniram no Cenáculo em Jerusalém, com medo até mesmo de sair, temendo que provavelmente a mesma coisa pudesse acontecer com eles?

No entanto, essas mulheres estavam ali por amor e devoção a Jesus Cristo, sem se importarem muito com o perigo potencial. Quem eram essas outras três mulheres? Uma delas era Maria, esposa de Clopas. Não sabemos quem ela era, além de ser esposa de Clopas. Não temos outras informações sobre ela, mas era alguém que amava Jesus.

Segundo Mateus, outra mulher era a mãe dos filhos de Zebedeu, Tiago e João; segundo Marcos, Salomé; e segundo João, irmã da mãe de Jesus. Portanto, Tiago e João eram primos de Jesus. Você se lembra de algo sobre Salomé, algo que ela fez no início do ministério de Jesus? Foi ela quem se aproximou de Jesus e lhe disse: "Senhor, quando estabeleceres o teu reino, quero que dês tronos, um à tua direita e outro à tua esquerda, aos meus filhos, Tiago e João". A resposta de Jesus foi uma repreensão amorosa, pois esse tipo de ambição egocêntrica não era o caminho que o reino deveria seguir. Na verdade, Salomé não fazia ideia dos problemas que viriam e do preço que seus discípulos pagariam mais tarde.

A terceira mulher é identificada como Maria Madalena, a mulher de quem Jesus expulsou os espíritos malignos. Ela era tão grata pelo que Jesus havia feito que jamais poderia esquecer. Ela não se importava com o perigo que havia na cruz. Ela amava seu Senhor e jamais poderia perder a gratidão pelo que Jesus havia feito por ela. Então, ela estava lá, aos pés da cruz.

Mas há outra mulher mencionada, aliás, ela é mencionada primeiro, embora estejamos falando dela por último. Era sua mãe, Maria. Embora Maria estivesse presente o tempo todo, ela nos é apresentada em conjunto com a roupa íntima que lemos há pouco. Observe novamente o texto e verá que, após a menção à roupa íntima, é nesse momento, quando a roupa íntima está sendo apostada, que Jesus fala com sua mãe. Aparentemente, quando os soldados tocaram na roupa íntima, tocaram em algo muito precioso para ele e para sua mãe, pois provavelmente ela a havia feito para Jesus. Não é de se admirar, então, que, enquanto apostavam na roupa íntima, ele se voltasse para sua amada mãe.

Talvez Maria não fosse capaz de compreender tudo o que estava acontecendo naquele momento. Duvido que fosse. Mas ela era capaz de amá-lo; afinal, aquele era o seu filho — o seu primogênito. Existe algo como o amor de uma mãe em todo o mundo? Acho que não. Você consegue imaginar o que Maria deve ter sentido enquanto estava ali, aos pés da cruz, vendo seu filho, seu primogênito, pendurado, morrendo, sangrando, sofrendo, lutando por cada respiração? Ele era aquele concebido pelo Espírito Santo, aquele que o anjo disse que seria chamado Filho de Deus. Você pensaria que ninguém gostaria de ficar ali assistindo a isso, mas aquela era a mãe dele e aquele era o seu filho. Ela tinha que estar ali, era a coisa mais natural do mundo para ela estar ali, por mais doloroso que fosse. Jesus podia ser um criminoso aos olhos da lei, Jesus ainda era o filho dela.

Pense em tudo o que Maria tinha visto, ouvido e vivenciado até então. Quando Jesus tinha apenas oito dias de vida, você se lembra de que ela e José levaram o Menino Jesus ao templo? Eles iriam apresentá-lo e era hora de sua circuncisão.

Levaram-no ao templo, onde estava Simeão, um sábio ancião piedoso a quem o Espírito Santo havia feito uma promessa: "Simeão, não morrerás até que vejas o Messias". Ao ver Jesus, Simeão percebeu que a promessa havia se cumprido. Era o Filho de Deus. "Então Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: 'Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, para que se revelem os pensamentos de muitos corações. E uma espada traspassará a tua própria alma.'" (Lucas 2:34-35)

Você acha que Maria tinha alguma ideia do que Simeão estava falando quando Jesus tinha oito dias de vida, quando lhe disse: "Uma espada também traspassará a tua alma"? Duvido muito. Mas ela viveu para ver seus piores medos se tornarem realidade. Ela viveu para ver seu filho, que veio para dar a vida por todos, ter uma espada transpassando seu lado. Maria viveu para ver o dia em que cravaram pregos em suas mãos. Ela viveu para ver o dia em que colocaram a coroa de espinhos em sua testa. Ela viveu para ver o dia em que ele deu seu último suspiro. Custou muito caro a Maria submeter-se à vontade de Deus, não é? Pense em todos os pensamentos que devem ter passado pela sua cabeça enquanto ela estava ali, aos pés da cruz, vendo Jesus morrer. Chegara o momento em que o plano supremo de Deus se cumpriria para seu filho primogênito. Jesus seria um mártir e morreria pelos pecados do mundo inteiro.

Observe algo mais sobre Maria. Seria fácil não perceber. Diz que Maria estava lá de pé. Ela estava de pé. Não desmaiou, não caiu. Exteriormente, ela ainda era aquela mesma mulher calma que havia recebido a saudação do anjo cerca de três décadas antes. Ela disse ao anjo: "Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". Maria ainda demonstrava aquela mesma força. Assim, naquele dia, ela participou do grande sofrimento de seu filho e bebeu o cálice até a última gota amarga.

Deve ter sido um choque para todas aquelas pessoas que ouviram Jesus gritar: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Que choque doloroso deve ter sido; mas não dilacerou o coração de ninguém mais do que dilacerou o de Maria. Ela ficou ali parada, ouvindo tudo. Nunca a tristeza se apresentou de forma mais comovente do que vemos na vida de Maria. Mas, mesmo em toda a sua amarga angústia, com quem ele se preocupa? Com a mãe, não é? Vendo-a de pé com João ao seu lado, ele disse à sua mãe: "Mulher", como diz a versão King James, "Eis aí o teu filho, eis o teu filho".

Certamente, essa era a maneira de Jesus dizer a ela e a João que João agora assumiria a responsabilidade por Maria. A vida terrena de Jesus estava chegando ao fim e alguém precisava cuidar dela.

Embora fosse forte, ela precisaria de apoio. João era aquele em quem Jesus confiava para lhe dar esse apoio.

Talvez pareça um pouco estranho, mas não havia ninguém de sua família imediata para ajudá-la.

Por que Jesus teve que delegar essa responsabilidade a João? Aparentemente, José, seu marido, havia falecido. Não sabemos ao certo, mas não há menção ao nome de José depois que Jesus completou 12 anos. Portanto, Maria provavelmente era viúva. Jesus não podia chamar nenhum de seus irmãos para cuidar de sua mãe porque, embora ela acreditasse nele, João nos conta que nenhum de seus irmãos ainda acreditava que ele era o Cristo. Aparentemente, nenhum deles estava por perto, já haviam partido há muito tempo. Talvez nem sequer estivessem presentes. Então, ele olha para João, seu amado amigo, e diz: "João, cuide desta mulher, ela é sua mãe."

A Bíblia nos conta que todos os discípulos abandonaram Jesus. Mas João estava na cruz, bem aos pés dela. Quem sabe onde estavam os outros 11 ou os outros 10? Judas havia se suicidado, os outros 10 estavam escondidos em algum lugar, mas João estava lá, leal a Jesus. Jesus sabia que podia confiar em João. Então, enquanto João estava ao lado de Maria, a mãe de Jesus, Jesus disse a João: "João, eu sei que posso confiar em você. Você é leal a mim e será tão leal à minha mãe quanto tem sido a mim. Quero que você cuide dela." Que elogio para João! Significava mais do que apenas prover um teto para ela; significava assumir a responsabilidade por ela. A última vez que Maria é mencionada no Novo Testamento é no livro de Atos, quando ela está na presença de outros discípulos que aguardam o dom do Espírito Santo, mas a Bíblia nos diz que ela está lá com João. Portanto, João está fazendo jus à confiança que Jesus depositou nele.

É uma história poderosa; é apenas parte da história, apenas uma das sete afirmações. Há tanta riqueza nesta cena da morte de Jesus Cristo. Mas vamos tentar extrair três breves conclusões disso:

1. **A graça se estende àqueles que falham.** Se há algo na vida de João que ele gostaria de poder desfazer e apagar, seria o momento em que ele também, como todos os outros, abandonou Jesus, mas ele não podia apagar isso.

Você não se alegra que, quando João cometeu aquele erro, o Senhor não disse: "Tudo bem, João, você teve sua chance, mas errou, sente-se. Você está fora." Sua graça foi mais do que suficiente para João, e Ele o aceitou de volta, dando-lhe inclusive a abençoada responsabilidade de cuidar de sua mãe. Amigos, quando vocês falharem — não se falharem, mas quando falharem, e todos nós falhamos — voltem-se para Jesus como João fez, porque o nosso Senhor é um Senhor misericordioso que nos aceitará de volta e nos restaurará.

2. **A água é mais densa que o sangue.** Todos nós já ouvimos aquela velha expressão: "O sangue é mais denso que a água." Em Jesus, "a água é mais espessa que o sangue". A referência que estou tentando fazer é que, através das águas do batismo, entramos em contato com o sangue de Jesus Cristo. Quando confessamos nossos pecados, expressamos nossa fé em Jesus Cristo e somos batizados para o perdão dos nossos pecados, somos trazidos à superfície, ressuscitados, e dessa água surge uma nova vida, uma nova criação. Tornamo-nos cristãos. Tornamo-nos irmãos.

e irmãs umas das outras e do Senhor Jesus Cristo. Um novo relacionamento se forma quando nascemos na água, em um relacionamento muito mais precioso e muito mais poderoso do que até mesmo nossos próprios laços de sangue. Nós, que fomos lavados no sangue de Jesus Cristo nas águas do batismo, sabemos que, muitas vezes, a água é mais densa que o sangue.

3. **Nunca deixemos de honrar nossos pais.** Paulo escreveu: "Filhos, obedçam a seus pais em nome do Senhor, pois isso é justo. Honre seu pai e sua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa: que tudo lhe corra bem e você tenha longa vida sobre a terra." (Efésios 6:1-20)

3) Jesus, mesmo em seus momentos finais, prestou honra e homenagem à sua querida mãe. Não importa quais sejam as nossas circunstâncias, ou as de nossos pais, nunca ficamos velhos demais, nunca ficamos sofisticados demais e nunca nos afastamos do chamado para honrar nosso pai e nossa mãe. Jesus, mesmo em seus momentos finais, demonstra essa mesma verdade. Lição Amazing Grace nº 1253, Steve Flatt, 10 de março de 1996